

GÊNERO, FEMINISMO NEGRO E COLONIALISMO: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS

GENDER, BLACK FEMINISM AND COLONIALISM: NECESSARY DIALOGUES

Raquel Soares Bonatto¹

RESUMO: Neste artigo, apresento uma revisão bibliográfica acerca da temática do corpo, gênero e poder, segundo a teoria Foucaultiana. Dessa forma, apresenta-se em seguida, uma revisão teórica de autoras negras, pesquisadores dos estudos do Feminismo Negro, onde revelam a inevitável estrutura Colonialista que forma nossa sociedade. Em seguimento da temática, apresentam-se algumas facetas da estrutura Colonialista no que cerne as questões do gênero feminino e, principalmente, no que compete às questões de gênero-raça das mulheres negras.

Palavras-Chave: Feminismo Negro. Colonialismo. Poder. Corpo.

ABSTRACT: In this article, I present a bibliographic review about the theme of the body, gender and power, according to Foucault's theory. Thus, a theoretical review of black authors, researchers of the studies of Black Feminism, is presented next, where they reveal the inevitable Colonial structure that forms our society. Following the theme, some aspects of the Colonialist structure are presented in what concerns the issues of the female gender and, mainly, in what concerns the gender-race issues of black women.

Keywords: Black Feminism, Colonialism, Power, Body.

1. Corpo, ética e as relações de poder

Para Foucault (1986), o sujeito é um produto das relações de poder e não seu produtor de poder. Não há, nessa perspectiva, um sujeito essencial que estaria alienado por ideologias, por relações de poder que encobririam sua visão da realidade. O sujeito do conhecimento, então, é produzido pelas relações de poder, ou melhor, o que chamamos sujeito é um enunciado social.

Michel Foucault (1999), em “A palavra e as coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas”, descreve certas formas de constituição de saberes - como em biologia e economia política - consoante à um ritmo de transformações não-obediente à ordem de desenvolvimento

¹ Psicóloga pela Universidade Federal do Rio Grande/RS. Especialista em Psicologia Jurídica pela Faculdade FAVENI. Especialista em Abordagem Multidisciplinar em Dependência Química pela Universidade Federal do Rio Grande/RS. > Pós-graduanda em Especialização em Sociologia, pela Universidade Federal do Rio Grande/RS.

que normalmente se admite. A questão, em si, que o autor elege como um dos enunciados de sua obra não se trata do conhecimento de qual o saber agente no interior dessas ciências, mas sim quais os efeitos de poder e de verdade que os circulam e de que forma apropriam-se como geradores de verdade globais nos sujeitos.

Sendo assim, como explica Collins (1997), quando a autora menciona pontos de partida de discurso e as relações de poder, fala-se também de que forma o conhecimento científico está disseminando-se para as populações a fim de influenciar construção de saberes.

Dessa forma, a relação primária representada nessas relações de poder, se nominam dominadores e dominados, onde “homens dominam outros homens”. Nessa relação, segundo Foucault (1986), nasce o ideal de diferença, de ênfase de uma ideia estrutural de verdades, bem como de valores éticos e morais.

Devido à essa conduta, observa-se, segundo Nietzsche (1887), uma discussão dicotômica e não dialética. Nesse parâmetro de discussões dialéticas, Ribeiro (2017) relata o conceito de “lugar social do sujeito da fala. ”

Pensar em lugares de fala é autorizar ou desautorizar indivíduos na transmissão de informações e discursos de verdade para o público receptor da mensagem, e conseqüentemente na formação de opiniões colonizadoras (RIBEIRO, 2017).

Segundo Ribeiro (2017), como exemplo de reflexão para a descolonização do conhecimento científico universal, na questão de identidades sociais evidencia-se que um projeto de colonização é capaz de criar identidades, e também mostra que algumas identidades historicamente têm sido silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo de que outras identitárias são mais enfatizadas, como nas questões de gênero, raça, etnia, etc.

A seguir, se discutirá um pouco acerca da questão de gênero.

2 Questões de gênero

No que se refere ao gênero, é possível observar de forma ampliada, correntes de conhecimentos ideológicos sustentados em concepções acerca das subjetividades do “feminino” e do “masculino”, as quais tornaram-se, histórica e metodologicamente, produtos de naturalização social.

Conforme o sociólogo Pierre Bourdieu (2012, p.17) em seu texto, relata que “a divisão entre os sexos parece estar “na ordem das coisas”, ou seja, falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável.

Em seguimento dessa ideia, para o autor, esta naturalização orgânica dos corpos (em masculino ou feminino), consolida e delimita as atividades e funções de cada gênero, resultado em relações não simétricas.

Nesta não simetria, o patriarcado institui-se por meio de uma linguagem que se firma como uma construção legítima, objetiva e universal, onde se observa suas inúmeras faces de opressão e repressão do dito “gênero feminino”, que se manifesta de distintas maneiras e resultam em formas coletivas de sofrimento social.

3 Uma perspectiva racial colonialista das construções sociais

Frantz Fanon (2008), afirma que “o racismo e o colonialismo podem ser compreendidos como modelos socialmente construídos, a fim de apreender e compreender o mundo e existir nele.”

Em relação ao tocante do racismo, a linguagem do colonizador consente como produtora de uma verdade substancial e inevitável, carregando consigo o legado de veracidade do regimento dos sujeitos. Dessa forma, as pessoas vistas como “diferentes”, seriam expressivamente e incondicionalmente empreendidas como “um outro”, ou “os que não se assemelham aos paradigmas da branquitude”; ou seja, pessoas sujeitadas a “anormalidade”, “diferentes”. enfim, vistas “como um outro, que não sou eu”. (FANON, 2008, pg. 47).

Em síntese, o que Fanon (2008) põe em debate é que, o negro passa a existir “a partir do outro para o outro”, uma vez que a partir da linguagem, ele se constitui a assumir um lugar cultural e social, a qual “suporta o peso de uma civilização”.

É imprescindível trazer em discussão outros exemplos de pensadores negros que estudam as estruturas raciais consoantes na forte ligação em heranças coloniais.

Uma delas, a forte pensadora negra Grada Kilomba, traz à baila a ideia de que: “o negro passa a ser negro, com todos os conceitos que o termo carrega em sua perspectiva racista, a partir do que o “colonizador/branco” o conceitua e define como tal” (KILOMBA, 2019).

Em “Memórias da Plantação” de Grada Kilomba (2019, p. 35), a autora revela:

No racismo, a negação é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão social racial: “Elas/es querem tomar o que é Nosso, por isso Elas/es têm de ser controladas/os”. A informação original e elementar – “Estamos tomando o que é Delas/es” – é negada e projetada sobre a/o “Outra/o” – “elas/eles estão tomando o que é Nosso” -, o *sujeito negro* torna-se então aquilo a que o *sujeito branco* não quer ser relacionado. Enquanto o *sujeito negro* se transforma em inimigo intrusivo, o branco torna-se vítima compassiva, ou seja, o opressor torna-se oprimido, e o oprimido, o tirano.

Ainda, em sua mesma obra, KILOMBA (2019, p.37), revela que o sujeito negro é tudo aquilo que é rejeitado pela branquitude:

O sujeito negro torna-se então tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer em si mesmo (...) Em termos psicanalíticos, isso permite que os sentimentos positivos em relação a si mesma/o permaneçam intactos – branquitude como parte “boa” do ego – enquanto manifestações da parte “má” são projetadas para o exterior e vistas como objetos externos e “ruins”. No mundo conceitual branco, o sujeito negro é identificado como objeto “ruim”.

Nessa conjuntura, é possível estabelecer que a ideologia elaborada por Grada Kilomba, é afirmada sobre a base de que a subjetivação negra é considerada “ruim”, salientando que tal grupo social é “o outro do outro”, ou até “o outro que só é outro a partir de mim”, sintetizando a estruturação racista da supremacia branca colonizadora.

Vindo de encontro ao referido conteúdo, é possível refutar outras questões fundamentais do arcabouço colonizador/branco racista. Como se deparam, então, as mulheres negras, cujos processos de opressão procedem consonantes nas inquições sobre gênero e étnico-racial? Quando as situações de opressão se convergem sobre as mulheres negras?

De que forma as experiências de opressão se sustentam em silenciamentos e o direcionamento quase invisível do não-direito ao lugar de fala? (RIBEIRO, 2017).

4 A mulher negra e o duplo direito de não-existir: o outro do outro

Segundo o Mapa de Violência de 2015, do aumento de 54,8% de assassinato de mulheres negras, ao passo da diminuição do assassinato de mulheres brancas, 9,6%. (WAISELFISZ, 2017).

Esse aumento é alarmante, e mostra principalmente a falta de olhar étnico-racial no momento de pensar políticas públicas de enfrentamento específicas para grupos oprimidos, como gênero e raça.

A teoria feminista criticou frequentemente as explicações naturalistas do sexo e da sexualidade que assumem que o significado da existência social das mulheres se pode derivar de alguma falta na sua fisiologia. Ao distinguir entre sexo e gênero, as teóricas feministas questionaram as explicações causais que assumem que o sexo dite ou imponha certos significados sociais à experiência das mulheres.

Seja nas discussões teóricas feministas, seja nas vivências das mulheres negras no cotidiano - embarcadas de violência e opressão -, é viável mencionar a clara experiência de não-lugar das mulheres negras. (CARNEIRO, 2018).

Em termos teóricos-científicos, a autora Grada Kilomba relata:

Mulheres negras têm sido incluídas em diversos discursos que mal interpretam nossa própria realidade: um debate sobre racismo no qual o sujeito é o homem negro; um discurso genderizado no qual o sujeito é a mulher branca; e um discurso de classe no qual “raça” não tem lugar. Nós ocupamos um lugar muito crítico dentro da teoria. (...) Por conta dessa falta ideológica, argumenta Heidi Safia Mirza (*Black British Feminism*, 1997) as mulheres negras habitam um espaço vazio, um espaço que se sobrepõe às margens da “raça” e do “gênero”, o chamado “terceiro espaço”. Habitamos uma espécie de vácuo de apagamento e contradição “sustentado pela polarização do mundo em negros de um lado e mulheres de outro” (Mirza, 1997, p.4) Nós no meio. Este é, de fato, um sério dilema teórico, em que os conceitos de “raça” e “gênero” se fundem estreitamente em um só. Tais narrativas separadas mantém a invisibilidade das mulheres negras nos debates acadêmicos e políticos.” (KILOMBA, 2019, p. 98)

Neste contexto, a autora revela e compreende que não há possibilidade de delimitação entre gênero e opressão racial no caso das mulheres negras.

Foi plausível assimilar que a separação das duas contingências, possibilita a elevação da invisibilidade das necessidades discrepantes das mulheres negras em relação aos homens, inclusive também às mulheres brancas e a si mesmas, considerando que as mulheres negras não se assemelham entre si, uma vez que possuem conjunturas, enquadramentos fenotípicos, condições históricas, subjetividades, etc; totalmente diferentes umas das outras.

Em seguimento ao enredo do parágrafo anterior, é concebível a reflexão de que, cotidianamente, este apagamento subjetivo de cada mulher negra, que se engloba em um grupo social, é identificado principalmente pelos lugares e instituições sociais que elas mesmas ocupam.

Outro argumento relevante referente às mulheres negras, são as significações que os homens – brancos ou não -, e incredivelmente, também as mulheres brancas, projetam nas mulheres negras uma construção substancial de objetificação; ou seja, as mulheres negras são definidas como corpo-objeto. (COLLINS, 2005).

Essa objetificação do corpo das mulheres negras são delimitados, culturalmente na sociedade branca, colonial e racista, como corpos-mercadoria. Isto quer dizer, então, que essas mulheres não se tornam “sujeitos-de-si”, “sujeitos-donos-de-seus-corpos”, na medida que são oprimidas pela objetificação de seus próprios corpos por outros/as. (CARNEIRO, 2003)

5 Mulheres negras: uma moeda de duas (só?) faces

No artigo “Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero”, Sueli Carneiro (2003), aponta:

Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas o mito da fragilidade feminina, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... (...) fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de

objeto.(...) Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. Hoje, empregadas domésticas (...)

Embora a autora descreva a sustentável realidade social de uma parcela majoritária de mulheres negras, há de se convir que o próprio apagamento e opressão na negação da própria negritude das mulheres negras se origina de um ponto crucial advindo da branquitude: quanto “menos negra”, ou seja, quanto menos fenotipicamente negras: seja em traços da face, na densidade/tipo do cabelo, seja até na estrutura física corporal de glúteos, seios, pernas e lábios, etc; mais aceitáveis pela hegemônica sociedade branca essas mulheres são. (COLLINS, 2015)

Ou seja: no geral, quanto mais aproximadas dos parâmetros estéticos e fenotípicos brancos das mulheres brancas as mulheres negras são, mais essas são consideradas como sujeitos sociais, pertencentes a “um mesmo mundo”, bem como vistas como mulheres desejáveis e de “boa aparência” (COLLINS, 2005).

6 Considerações finais

Por fim, acredita-se que o movimento das/com das mulheres negras é possível pela medida de consciência da origem de estruturas racistas, do (des)pertencimento social vivenciado, dentre outros fatores e situações. Estes, vinculados e originados pela sociedade da branquitude e pelo patriarcado branco/colonizador em nossa sociedade racista, preconceituosa e estigmatizadora em conceituações sem fundamento e sentido, o que repercute no intenso sofrimento no grupo de pessoas e principalmente, mulheres negras e periféricas.

A tomada de conhecimento desses e de vários outros aspectos concernidos na estrutura racista, deve conduzir às mulheres negras à condição de empoderamento, este, pautado em sentimentos de autovalorização, autoafirmação e principalmente, na promoção de saúde mental e de bem-estar, participando, por direito, de uma sociedade justa e sem atravessamentos infundamentados e negligentes.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de Uma Vida**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CARNEIRO, Sueli. **Epistemicídio Geledes**, Rio de Janeiro: Europeia do Livro. 2017.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Sociedade e Estado, v.31. Rio de Janeiro: Europeia do Livro. 2005.

COLLINS, Patricia Hill. Comentário sobre o artigo de Hekman “*Truth and Method: Feminist Standpoint Theory Revisited*”: Onde está o poder?” **Signs**. V.22, n. 2, 1997.

“Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.” In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Org.). **Racismos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A palavra e as coisas: uma Arqueologia das Ciências Humanas**. 8ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o pensamento: Uma palestra-performance de Grada Kilomba**. São Paulo. Disponível em: <https://mitsp.org/2016/portfolio/descolonizando-o-conhecimento-uma-palestra-performance-de-grada-kilomba/>. Acesso em: 13/11/2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora de Livros Cobogó, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral: uma polêmica**. São Paulo: Martins Fontes, 1887.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Póren, 2019. WASELFISZ, Julia Jacobo. **Mapa de Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: FLASCO Brasil. Disponível em: <[https:// goo.gl/oT5VdW](https://goo.gl/oT5VdW)>. Acesso em: 13/11/2020.

SANTANA, Bianca. **Quando me Descobri Negra**. São Paulo: SESI-SP Editora, 2015.

WASELFISZ, Julia Jacobo. **Mapa de Violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: FLASCO Brasil. Disponível em: < <https:// goo.gl/oT5VdW>>. Acesso em: 13/11/2020.